

# OCUPANDO OS ESPAÇO DA ESCOLA: UMA BREVE ETNOGRAFIA SOBRE O TERRITÓRIO DAS MENINAS NA ESCOLA

*Data de aceite: 26/01/2024*

**Igor Moreira Dias Pereira**

Escola Superior de Cruzeiro- ESC

Cruzeiro-SP

<https://lattes.cnpq.br/7179694400326242>

**RESUMO:** Dedicamos nesse trabalho compreender espaços ocupados pelas meninas e meninos na escola nos momentos formais e informais (formais aulas de Educação Física e informais, aulas vagas). O lócus do estudo, foi uma escola estadual de Ensino Médio, do município de Aparecida- SP. Firmamos então, como questões do estudo: identificar a participação das meninas nos momentos formais de aula e conseqüentemente identificar o que as meninas fazem nos momentos informais. A escola visitada se refere a instituição estadual, como mencionado acima, com público de alunos majoritariamente na faixa etária de 15 a 18 anos. Baseamos em natureza qualitativa, a pesquisa teve ênfase em análises bibliográficas e pesquisa de campo etnográfica descritiva, respeitando os limites de espaço e tempo da pesquisa. Com isso foi possível identificar a participação dos discentes nas diversas práticas corporais

no ambiente escolar, a desigualdade de participação nas atividades, que se resumiu em futsal para os meninos e roda de voleibol para algumas meninas, reafirmando assim estereótipos entre os gêneros. Essa desigualdade, pode estar alicerçadas em concepções generalistas do corpo, em que colocam e consideram meninas como menos habilidades quando comparadas aos meninos, para as práticas corporais esportivas. É preciso que os professores estejam atentos a essas divergências e estabeleça estratégias e alternativas para quebrar os paradigmas e estereótipos. Que saibam conduzir os diversos conflitos e contestações envolvendo a discriminação entre os gêneros, para uma relação mais harmoniosa e respeitando às diferenças. Este trabalho almejou contribuir nessa direção. Para uma reflexão sobre esse cenário, e a escola venha a ser o espaço essencial na vida de todos que passam por ela, com isso, tornando uma sociedade mais justa, solidária e humana.

**PALAVRAS- CHAVE:** Educação, Gênero, Educação Física.

## OCCUPYING SCHOOL SPACE: A BRIEF ETHNOGRAPHY ABOUT THE TERRITORY OF GIRLS AT SCHOOL

**ABSTRACT:** We dedicate this work to understanding spaces occupied by girls and boys at school in formal and informal moments (formal Physical Education classes and informal, vacant classes). The locus of the study was a state high school, in the municipality of Aparecida-SP. We then established, as study questions: identifying the participation of girls in formal class moments and consequently identifying what girls do in informal moments. The school visited refers to a state institution, as mentioned above, with an audience of students mainly aged between 15 and 18 years old. We were based on a qualitative nature, the research had an emphasis on bibliographical analysis and descriptive ethnographic field research, respecting the limits of space and time of the research. With this, it was possible to identify the participation of students in the various bodily practices in the school environment, the inequality of participation in activities, which was summarized as futsal for boys and volleyball for some girls, thus reaffirming stereotypes between genders. This inequality may be based on generalist conceptions of the body, in which girls are considered to have less ability when compared to boys for physical sports practices. Teachers need to be aware of these divergences and establish strategies and alternatives to break paradigms and stereotypes. Who know how to manage the various conflicts and challenges involving discrimination between genders, towards a more harmonious relationship and respecting differences. This work aimed to contribute in this direction. To reflect on this scenario, the school becomes the essential space in the lives of everyone who passes through it, thereby making a more just, supportive and humane society.

**KEYWORDS:** Education, Gender, Physical Educatio

### 1 | INTRODUÇÃO

Dentro do contexto biopsicossocial das diferenças existentes entre meninos e meninas, as aulas de Educação Física representam um elo importante para estabelecer uma reflexão das necessidades que envolve cada gênero.

Essas diferenças de gêneros conforme a cultura, as influências sentimentais aplicadas, o momento histórico e a educação herdada pelas diversas instituições, dentre elas, a familiar, escolar, colaboram para solidificar ou modificar das diferenças.

A importância de estabelecer a compreensão sobre as relações entre os gêneros, vêm se tornado tema de debate educacional, que contribui para a reflexão e entendimento de uma sociedade mais igualitária e tolerante às diferenças entre feminino e masculino.

As relações de gênero estão inseridas no ambiente escolar, em diferentes espaços, como na sala de aula, na cozinha da escola, ou até mesmo na forma em que o professor ministra sua aula. O intervalo escolar(recreio) é um momento polêmico na vida do aluno. É nesse momento que percebemos as diferenças e convergências que acontecem nesse período. Período esse, denominado em momento informal.

Se partirmos das ideias que o espaço formal (as aulas de Educação Física), é um momento de aprendizagem que deveria proporcionar oportunidades a todos os alunos de

praticar atividades físicas de acordo com os seus interesses e compreensão dos seus significados, parece que as aulas têm feito isso somente em relação aos meninos, relegando as meninas de “antas” (DAOLIO, 2006, p.76).

Segundo Scott et al. (2009) gênero assume o sentido de apresentar a construção social e histórica dos sexos, enfatizando-se ao mesmo tempo o caráter social e relacional dessa construção.

Nas aulas de Educação Física, muitas vezes são reproduzidos os preconceitos baseados em estabelecer determinados estereótipos com o intuito de defini que essa ou aquela atividade ´como “só de menino” ou “só de menina”.

De acordo com Daolio (1995, p.40):

E diante disso, algumas afirmações como “meninos brasileiros já nascem sabendo jogar futebol” enquanto que as meninas brasileiras “além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogar futebol. Vemos também que o primeiro brinquedo que o menino ganha é uma bola e todo incentivo e empenho dos pais aos primeiros chutes, ao contrário da menina, que não é estimulada a brincar com bola e seu primeiro brinquedo é uma boneca, casinha, panelinha

As meninas não se sentem “Antas” somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas em suas horas de lazer. “Estamos diante de um fato social pontuando por uma história cultural que delegou as meninas brasileiras a condição de “antas” quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza (DAOLIO, 2006, p. 74).

E essa definição estereotipada que foi construído com o passar do tempo, pode ser desconstruído, desnaturalizados. E esse processo tem início no próprio ambiente familiar e é reforçado pela sociedade, pela mídia, na escola, entre outros espaços de convívio, os estereótipos pré-determinados são reprimidos, humilhados e subjugados.

Surge aqui a problematização da pesquisa onde sendo gênero uma construção histórica e social, observando vivências e relações estabelecidas defronte as aulas da disciplina de Educação Física, deparando-se com desigualdades, com a reprodução de estereótipos, com a discriminação e com a dominação masculina indaga-se: qual o papel da Educação Física Escolar frente as desigualdades de gênero? Para tanto, objetivamos, através de pesquisa de cunho etnográfica os espaços ocupados pelas meninas na escola nos momentos formais e informais (formais aulas de Educação Física e informais, aulas vagas).

A pesquisa etnográfica é método que tem como base a descrição das culturas, de uma forma bastante viva e densa sobre o local onde o pesquisador vivenciará o dia a dia do grupo que ele está inserido.

Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ, 2005, p. 27).

Ludke e André (1996) defendem a ideia de que a utilização etnográfica exigirá uma maneira cautelosa, pois no processo de transição da antropologia para a área de educação, esse método sofreu com uma série de mudanças, afastando-se mais ou menos de seu sentido original.

.Devida as poucas linhas que o presente artigo contempla, a exploração do local estudado ficou restrita.

A pesquisa foi aplicada aos alunos do primeiro ano do Ensino médio, sendo desenvolvida através da etnografia num período de um mês e meio, realizada em uma Escola Estadual, situada na Cidade de Aparecida - SP.

Foi utilizado o diário de bordo como material, uma prancheta um diário e caneta.

Iniciamos a pesquisa a partir do levantamento teórico e alicerçado pelo artigo de Daolio (1995) “A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em ‘antas’”, em seguida, a pesquisa de campo em que foi observado os espaços ocupados pelas meninas nas horas formais e informais de aula. Mediante os seguintes procedimentos: envio de termos de consentimento e autorização à direção das escolas.

A observação foi realizada em dois meses em que o pesquisador não interferiu na cultura dos observados, tudo foi anotado em um diário de bordo e posteriormente analisado e discutido.

A observação foi feita sob a direção e supervisão do próprio pesquisador.

## **2 I COMPREENDENDO A QUESTÃO DE GÊNERO**

Segundo Madureira (2007) para tratar dos aspectos sociais envolvidos entre o sexo masculino e o sexo feminino, em 1955, o biólogo Jonh Money, utilizou pela primeira vez, o conceito de gênero.

De acordo com o dicionário, gênero se refere a algo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou conforme a definição tradicional, este pode ser usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino e do sexo feminino (SCHWENGBER, 2009)

Partindo da história é possível compreender que de acordo com o ponto de vista social, político, cultural e religioso, a questão de gênero pode definir o corpo como feminino ou masculino de forma diferente, individualizando meninas e meninos, seu processo de aprendizagem, seus valores e atitudes (CONNEL, 1995).

Gênero está relacionado não somente com o aspecto biológico, mas principalmente com a relação social desse gênero dentro de seu universo. Isso explica as diferentes formas de ensinar e educar meninas e meninos, habilidades que independente do gênero, ambos podem ser iguais. Na sociedade atual percebemos as inversões de papéis, onde tempos passados o chefe da casa eram homens e hoje, vemos mulheres assumindo esse papel. Vemos também, por conta das diferenças culturais e até “machista”, mulheres exercendo

papeis secundários em relação aos homens nos cargos trabalhistas (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Para muitos autores, as instituições, a escola e a família, são ambientes responsáveis por estabelecer conceitos distorcidos, equivocados e muitas vezes, machistas e preconceituosos, constroem ou reproduzem valores estereotipados sobre o universo que envolve a questão de gênero (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

No intuito de oferecer oportunidade de acesso à escola e aos métodos educacionais para meninos e meninas, em 1920 foram criadas escolas mistas. Porém, a própria escola e seus professores por estabelecerem critérios de classificação, de resultados entre meninos e meninas, fortaleceu as relações conflituosas entre os gêneros, fato esse, que continua até os dias atuais (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Na tentativa de melhorar essas diferenças e atender os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998), percebeu-se que as aulas de Educação Física poderiam ajudar na mudança de conceitos e paradigmas sobre as questões de gênero. Uma dessas propostas, foi tornar as aulas mistas para favorecer as relações entre meninos e meninas, tornando menos conflituosa. Desta forma, estabelece o entendimento, evitando a desconstrução de gênero, respeitando os resultados e aptidões de cada um independente do sexo (BRASIL, 1999).

Segundo Romero (2011), quando meninos e meninas são expostos a determinados jogos ou brincadeiras, as respostas motoras e habilidades a essas atividades, vão determinar as aptidões de cada um independente do sexo. Ou seja, o brinquedo ou o jogo, não são indicativos de sexo, a criança escolhe a brincadeira ou o brinquedo conforme seu interesse, suas habilidades ou até necessidade de desenvolver habilidades. Mas, essas escolhas não são realizadas porque “alguém” estabeleceu que bola é brinquedo de menino e corda é brinquedo de menina.

Continua Romero (2011), as ações das crianças diante de jogos e brinquedos ocorrem por aspectos significantes que vão ajudar na construção do gênero.

Desta forma, percebemos que o aspecto histórico e social interfere na construção das questões de gênero. Onde o meio é formador e as relações proporcionadas e estabelecidas moldam e interagem com interesses formadores do indivíduo.

Sendo assim as relações estabelecidas no contexto familiar, o meio social e na escola, além é claro do fortalecimento e disposição por meio de sistemas educacionais e da mídia são formas construtivas nas quais o indivíduo interage, relaciona e se manifesta como ser participante e ativo em suas relações.

De acordo com Devide et al. (2011), o gênero passa a ser conhecido como uma categoria de análise relacional, que não é sinônimo exclusivamente do estudo sobre mulheres ou baseadas em diferenças entre os sexos e como uma forma primária de significar as relações de poder.

Com isso a palavra estereótipo são suposições, expectativas e ideias pré-

concebidas que formamos sobre um acontecimento, comportamento ou pessoas. E quando nos referimos a questão de gênero, os estereótipos tratam da ideia que se estabelece de alguém, partindo das diferenças entre homem e mulher.

E esses estereótipos se tornam problemas uma vez que tentamos nos enquadrar dentro desses comportamentos ou costumes pré-concebidos, sem ao menos verificar se essas formas de comportamentos traduzem ou respeitam as especificações de cada pessoa.

Os estereótipos são construídos para limitar ou definir pessoas ou grupos. Podendo também ser usado como manifestação de racismo, machismo e intolerância, gerando inúmeros conflitos (ROMERO, 2011).

Entendemos a escola com um lugar conspícuo para a reflexão, discussão sobre essa temática.

### **3 I QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA**

Pensamos muito sobre trabalhar ou não a questão de gênero na escola. Por ser um termo controverso é preciso cautela ao abordar, respeitando as diversidades de opinião.

Na origem da discussão é preciso entender o que se conhece por gênero e sexo biológico, sendo que o sexo biológico, refere-se ao homem e a mulher, mas a questão de gênero reflete as características construídas socialmente, culturalmente, historicamente e biologicamente e são individualmente assumidas por meio de papéis, costumes e comportamentos sobre ser homem e ser mulher (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Gênero não se refere a identificação ou diferenças do sexo entre homens e mulheres, ou gênero masculino e feminino. Existem aspectos sociais e biológicos que podem influenciar o significado da palavra (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

O conceito de sexo refere-se tanto aos órgãos reprodutores, são as características estruturais biológicas e funcionais que classificam o macho da fêmea (CANELLA, 2010).

Em se tratando de questões sociais, o gênero pode ser definido como a diferenciação social entre as pessoas, sendo a possível a construção e/ou desconstrução dos comportamentos de homens e mulher, a partir de padrões históricos e culturais (MUSSKOPF, 2008).

Já a sexualidade, segundo Canella (2010), trata-se das práticas sexuais, o desejo, a sensualidade e a atração sexual, sendo denominado de "orientação sexual". Salienta Musskoff (2008), a importância de compreender esses conceitos para evitar o preconceito e a estigmatização relacionadas com a ideologia de gênero.

Com os movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), surgiu o termo gênero e a luta por seus direitos. Esses grupos lutam contra a repressão social e para garantir seus direitos, inclusive respeito e autonomia no ambiente educacional. Esses movimentos tiveram apoio e força do movimento feminista (LINS, MACHADO e

ESCOURA, 2016).

De acordo com os direitos educacionais, inseridos no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), desde 1997, as questões de gênero são discutidas no âmbito escolar (BRASIL, 1999). A escola é responsável por transformações sociais e por isso tem um papel muito importante de influência pessoal, tanto nos pais e alunos quanto na própria sociedade.

Durante a gestação, um dos interesses da família é o sexo do bebê, é menino ou menina. E ao descobrir o sexo, já se define as roupas, a cor do quarto, enfim, tudo que está relacionado a construção social do sexo da criança.

No ambiente escolar não é diferente, o uniforme de meninos e meninas, o material escolar com desenhos e marcadores caracterizando ser menino ou menina. E desde muito cedo, somos divididos, sejam nas brincadeiras onde meninos jogam bola e meninas pulam corda (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Os próprios professores deixam explícitos desde a educação infantil, alguns estereótipos como, as meninas são meigas e frágeis e os meninos são bagunceiros (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

No que diz respeito ao ensino-aprendizagem, Viana (2004), em seus estudos nos conta que há diferença entre meninos e meninas percebeu que as meninas apresentam melhor desempenho e os meninos apresentam maior índice de repetência e acarretando maior defasagem escolar entre os meninos.

Segundo Wenzel (2012), em estudo realizado em uma escola pública, começou a observar comportamentos corporais entre meninos e meninas no pátio escolar e percebeu que por ser um ambiente em que os alunos estão “livres” sem a obrigatoriedade de fazer certas atividades, tendem a demonstrar com maior facilidade seus desejos, vontades e atitudes, as brincadeiras e os grupos de conversa a que pertencem. Verificou-se que nesse espaço, os alunos têm mais facilidade de lidar com o próprio corpo.

Quando estão em espaços coletivos, esse cenário se modifica, os indivíduos assumem os papéis impostos pelos grupos. Por vezes, a menina aceita o estereótipo de “anta” e não se aventura ao jogo de futebol com os meninos, reverberando o papel social imposto ao sexo feminino (WENZEL; STIGGER; MEYER, 2013).

É necessário que haja um maior comprometimento da comunidade escolar e professores na construção dos saberes da criança e suas identidades, para que as essas, se desenvolvam num ambiente que desperte seus potencialidades e talentos relacionados as suas habilidades e atitudes inerentes ao sexo.

As preocupações são diárias e importantes, pois como Louro, Felipe e Goellner (2008, p. 16) afirma:

as escolas fabricam sujeitos e produz identidades de gênero de classe e sempre estão produzidas através de relações de desigualdades, no qual não podemos deixar que isso ocorra, está aí uma das maiores e importantes

missões da escola que é a interferência na continuidade das desigualdades dentro e fora do âmbito escolar.

Podemos perceber que meninos e meninas se diferenciam tanto no aspecto do ensino-aprendizagem quanto no aspecto interativo, e não podemos “moldá-los”, e sim, aceitá-los e respeitá-los.

## 4 | O DIA A DIA DAS MENINAS NA ESCOLA

No dia 6/03/19, quarta-feira, nossa primeira observação, na aula de Educação Física (momento formal).

Os alunos do sexo masculino ocupam o espaço da quadra para a aula de Educação Física, realizando um jogo de futsal. No mesmo momento, as meninas se reuniam na arquibancada, quatro delas começaram uma brincadeira com a bola de vôlei no lado externo da quadra, sem interferência do professor e de outras meninas na atividade. Segue assim até o fim do horário de aula.

Prática essa que se tornou corriqueira nas aulas de Educação Física, os meninos tomando conta de todos os espaços da quadra, com a prática do futsal, sobrando para as meninas, algum canto, onde realizam algumas atividades, normalmente, são brincadeiras de voleibol. Sendo a Educação Física um direito de todas e todos, indaga-se: por que geralmente isso ocorre? O que os professores estão fazendo para a mudança desse “hábito”?

Segundo Cruz e Palmeira (2009), muitos professores argumentam que quando vão trabalhar rendimento físico, automaticamente, ocorre a separação de gênero e os meninos sempre, apresentam mais força que as meninas e dependendo as brincadeiras, podem machucá-las. Mas, essas diferenças entre sexo não devem ser evitadas, porém, precisam ser trabalhadas e inseridas com um conceito real e sem estereótipos, para conscientizar os próprios alunos das diferenças e amenizar o convívio entre eles.

No mesmo dia, em uma aula vaga (momento informal), motivada pela falta de um professor, os alunos ficaram para fora da sala, ocupando o pátio da escola.

Observou-se que os alunos se reúnem em pequenos grupos, uns mexendo no celular e conversando, já outros, utilizaram de uma mesa média e uma bolinha para jogar um ping-pong adaptado. O detalhe disso que é notável, é que meninos participam da brincadeira, enquanto as meninas se introduzem sobre o grupo, porém apenas na torcida e como telespectadoras. Ao final da aula, uma delas pede para participar, porém ao entrar na mesa e não conseguindo manusear bem a raquete, acaba saindo sem ao menos uma tentativa de jogo.

Situação essa que ocorre com certa frequência com as meninas.

“Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos

e nossa sensibilidade e nossa movimentação” (GOELLNER, 2013, p. 25).

**Em outro dia (13/03) observamos que (momento formal)**

É notável a observação em que a maioria dos meninos seguem e dominam o espaço da quadra para jogarem futebol, enquanto isso a maioria das meninas se reúnem na arquibancada da quadra e conversam sem nenhum interesse de participar ou indagar algo, apenas observando os meninos jogarem.

No meio da aula, duas meninas pegam uma bola de futebol e ficam trocando passes na parte externa da quadra, porém, não jogaram com os meninos.

Ao fim da aula, elas entram em quadra e realizam chutes ao gol, porém o tempo de aula já se encerrou, sendo um breve momento.

Torna-se notório que no segundo dia de observações as manifestações se repetem, meninos tomando conta dos espaços da quadra, da prática de atividade corporal e as meninas relegadas à arquibancada, como meras coadjuvantes nas aulas, local que as mesmas deveriam também serem protagonistas.

Podendo ser involuntária a exclusão por parte do gênero masculino, cabe o entendimento de Daolio (1995) “Assim, estiveram limitadas no horizonte do entendimento de que aquele tipo de prática, calcada no esporte, tendo como conteúdo privilegiado o futebol, não era para elas.”

Não negligenciando quão difícil é ser professor no Ensino Médio, contudo indague-se: a Educação Física deve ser pautada somente no futsal?

No terceiro dia de pesquisa as ações foram diferentes dos outros dias, pode ser que o baixo número de alunos nessa data seja o motivo pelas mudanças no decorrer da aula. Segue o relato:

Aula/momento formal (20/03): a aula ocorreu de forma diferente das que presenciávamos, hoje pelo baixo número de alunos, a quadra foi dividida na metade, com as meninas jogando vôlei de um lado, já do outro, os meninos utilizavam o espaço para uma simples brincadeira do bobinho (uma roda tocando a bola onde a pessoa do meio é intitulada de “bobo” tentando pegar a bola para que outra pessoa tome seu posto).

O interessante ponto é que por ter poucos alunos nesse dia específico, todos participaram das respectivas brincadeiras. Contudo não houve interação entre meninas e meninos.

Mesmo com a apropriação das meninas na quadra, não reflete como sinônimo de conquistas femininas, mas sim ações esporádicas motivada pela falta de meninos no dia.

Segundo Altmann (2018) As uniões dos gêneros em uma atividade física, rompem com divisões polarizadas, aumentando a pluralidade de movimentos, aspectos físicos e elaboração de estratégias, considerando variações de gênero e sexualidade diminuindo as fronteiras e permitindo seu cruzamento.

Nesse mesmo dia, mas em outro momento, agora no informal (aula vaga), as meninas se reuniram para produzirem um trabalho junto com os meninos, fato interessante

é que diante de toda convivência vivida no meio dos alunos, essa foi a primeira vez onde os dois gêneros interagiram.

A relação entre meninos e meninas, homens e mulheres ocorrem em todos os setores da sociedade, a polarização incide em demasia na Educação Física, ora na segregação, aulas separadas, ora na prioridade da ocupação dos espaços, como vem sendo apontado pelas observações dos pesquisadores.

Em outra data aula/momento formal (27/03), completando um mês de observação.

Hoje os meninos do 1º ano iniciaram um jogo, na quadra, contra o 2º ano, e conforme vem ocorrendo sistematicamente, a arquibancada foi o espaço determinado para as meninas. Dessa vez, ser torcedora dos meninos, foi a aula de Educação Física para elas.

Fato interessante e importante, ao fim da aula, duas meninas sugerem ao professor um jogo contra as meninas do 2º ano, para que elas possam jogar de igual forma aos meninos.

Com esse fato inusitado percebemos o início de uma voz ativa das mulheres, tentando buscar mais espaços nas aulas de Educação Física, assim como cita, Altmann (2018, p.19) “A experiência esportiva de mulheres também pode ser vista como uma atuação feminista, como uma forma de reivindicar novos direitos, possibilidades e experiências ao corpo.”

Entretanto esse jogo não ocorreu.

Aula/momento formal (03/04): nova semana e última de observação, notamos que as meninas seguem sem estar inserida de forma efetiva nas aulas, como ocorreu em momentos anteriores

A aula se encaminha tendo os meninos utilizando a quadra, realizando novamente o jogo de futsal. Boa parte das meninas conversam na arquibancada. No que tange as meninas, apenas quatro utilizam da área externa da quadra, jogando vôlei em roda sem intervir nos jogos dos meninos ou ao menos sugerir para a utilização da quadra.

A exclusão das meninas se fez presente novamente em outra aula observada. Reafirmando os estudos de Daolio (1995), base do nosso estudo. No comparativo entre meninos e meninas no que tange a prática esportiva, os meninos na maioria das vezes sobressaem em detrimento as meninas.

É conspícuo ressaltar que a participação delas de igual forma nas práticas esportivas seria primordial para essa não diferenciação.

Segundo Altmann (2018, p.39)

Cabe questionar se essas dúvidas em relação as meninas não seriam produtoras do que elas se propunham a revelar. Tais discursos e práticas não estariam eles mesmos, contribuindo para tornar meninas menos propensas a experiências esportivas?

Caminhamos agora para as considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo verificar através de uma pesquisa etnográfica os espaços ocupados pelas meninas na escola nos momentos formais e informais (formais aulas de Educação Física informais aulas vagas).

Com a participação dos discentes nas práticas corporais no ambiente escolar, que se resumiu em futsal para os meninos e rodas de voleibol para as meninas, evidenciando assim, a desigualdade nas oportunidades e participação nas aulas de Educação Física escolar.

Uma das hipóteses para tal desigualdade ocorre devido as concepções generalizadas do corpo e das habilidades físicas, que colocam e consideram as meninas como menos habilidades quando comparadas aos meninos, para as práticas corporais esportivas.

Ficou bem notória, durante as observações em lócus, a discriminação entre os gêneros nas aulas de Educação Física. Sendo o esporte o principal instrumento de reforço dessa discriminação. Por isso, cabe ao professor de Educação Física estabelecer discussões e reflexão entre os alunos sobre a questões de gênero. É preciso que os professores estejam atentos a essas divergências e estabeleça estratégias e alternativas para quebrar os paradigmas e estereótipos. Que saibam conduzir os diversos conflitos e contestações envolvendo a discriminação entre os meninos e meninas para uma relação mais harmoniosos e respeitando as diferenças.

Pensar em aulas de Educação Física mais igualitária e com equidade entre meninas e meninos exige mais entendimento dos professores sobre o assunto e a aplicação de metodologias para estabelecer uma reflexão mais ampla sobre os conteúdos práticos transmitidos nas aulas, para que diminuam as atitudes preconceituosas e segregacionistas, ao mesmo tempo em que se estimulem o pensamento crítico, a liberdade de expressão e a igualdade de gênero. Este trabalho almejou contribuir nessa direção. Para uma mudança nesse cenário, e a escola venha o espaço essencial na vida de todos que passam por ela, com isso, tornando uma sociedade mais justa, solidária e humana.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar**: Relação de gênero em jogo, SÃO PAULO: Cortez, 2018.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas: Papirus, 1995

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CEBn° 2, de 19 de abril de 1999**. Institui diretrizes Curriculares para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal.

CANELLA, Viviane. É de menina, ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil. 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6696307-E-de-menina-ou-de--menino-genero-e-sexualidade-na-formacao-da-professora-de-educacao-infantil.html>> Acesso em: 16 de abril de 2019.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.

CRUZ, Marcos Santos da; PALMEIRA, Francisco Barbosa. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**; Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DAOLIO, Jocimar. “A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em ‘antas’”. In: ROMERO, Elaine (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995. p. 99-108.

-----**Cultura: Educação Física e Futebol**, 3º ed. rev. – Campinas, SP: Unicamp, 2006.

-----**Educação Física Escolar**: uma abordagem cultura. In: Educação física escolar: ser... ou não ter? Org. Vilma L. Nista. Piccolo, 3º Edição. Campinas/SP: Editora da UNICAMP. 1995.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a11v17n1> Acesso em: 15 de abril de 2019.

GOELLNER, Silvana. **Mulheres e futebol no Brasil**: Entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n.2, p.143 – 151, abr./jun.2005 Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**.São Paulo: Revira Volta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 38.

MADUREIRA, Ana Flavia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: construção de uma cultura democrática**. 429 Fl. Tese. [Doutorado]: Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**.2008. Disponível em:<<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/>>.Acesso em: 10 de abril de 2019.

ROMERO, Ernesto. **Os estereótipos, as representações sociais, as questões de gênero e as repercussões sobre o corpo**. Brasília: Ed. Gama, 2011.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Meninas e meninos apresentamdesempenho motor distinto? Por quê?**EFDeportes.com, Rev. Digital**.Bueno Aires, Ano 14, Nº 131, Abril de 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd131.htm>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

SCOTT, Joan. et al. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação**: interpretações e reflexões para formação docente. Recife. Ed Universitária. UFPE, 2009.

SOUZA, Ernesto Barbosa de; ALTMANN, Henrique. **Meninos e meninas**: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. Cadernos Cedes. Campinas. ano XIX, v. 48, p.52-68, 1999.

WENETZ, Ileana. **Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar**. Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n87/06.pdf>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. **As (des)construção de gênero e sexualidade no recreio escolar**. São Paulo, 2013., Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-55092013000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092013000100012)> Acesso em: 10 de abril de 2019.